

# humanitas



Vol. LXII  
2010

explicação e análise teóricas sobre as características e origens da métrica usada por Horácio. Não se trata, portanto, de apresentar nesta obra qualquer tese aprofundada, ou interpretação das formas horacianas, mas tão só fornecer instrumentos que permitem ao leitor usufruir do texto latino aqui reproduzido. Acrescente-se ainda um índice de nomes (pp. 500-510), também de extrema utilidade para aceder ao círculo mundano a que Horácio alude abundantemente nos seus escritos.

Uma edição desta natureza congrega o que seria de esperar de uma *Horaciana*, ou seja, as obras completas do autor apresentadas de modo acessível mas correcto e completo, com enunciação dos critérios e das opções tomadas, com introduções, notas, comentários e bibliografia sérias, acompanhadas de uma tradução agradável e fiel, que se deixa perfeitamente cotejar pelo texto latino fornecido na página par, e que cumpre a finalidade de permanecer poesia na língua de chegada. Parece-nos, pois, um trabalho de mérito, este de servir ao público, numa forma simples, um dos maiores autores da literatura ocidental, sem interpor ruído exegético ou metaliterário como erudita estratégia de apresentação, os quais tantas vezes, na divulgação das letras antigas, não são mais do que uma forma de menorizar, e assim de comprometer com danos irreversíveis, a capacidade de os leitores actuais fruírem de um objecto estético tomado por inacessível, mas que, afinal, tem tanto de comum com o homem do presente.

PAULA BARATA DIAS

PEREIRA, Belmiro Fernandes, Deserto, Jorge (orgs.) *Symbolon I – Amor e Amizade*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009, 123 pp. ISBN: 978-972-8932-55-8.

Com este volume inicia-se uma colecção, cujo nome (*Symbolon*) foi buscar a um ciclo de colóquios que tem vindo a ser organizado em anos subsequentes pela área de Estudos Clássicos do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Versando sobre a expressão literária e artística de díades conceptuais de raiz clássica (amor e amizade; inveja e emulação – já publicados; paz e concórdia; medo e esperança; honra e vergonha; ira e indignação; piedade e compaixão – anunciados na badana do presente volume), esses encontros congregam especialistas oriundos tanto da universidade anfitriã como de

outras que em Portugal integram no seu corpo docente professores do domínio dos Estudos Clássicos (Coimbra, Lisboa, Aveiro e Minho).

Apresentada a gênese e as características formais da coleção que com o presente título arranca, passo a dar a conhecer ao leitor as ideias essenciais de cada contributo, devidamente identificado através do nome do seu autor e indicação das páginas que ocupa no volume. Precede os diversos estudos uma fundamentação científica (de cariz necessariamente literário, é óbvio) da pertinência da temática abordada em textos gregos, latinos, humanistas e portugueses, tarefa assumida por um dos organizadores da colectânea, Belmiro Pereira. Depois dessa introdução, justamente intitulada *In limine* (pp. 5-7), e antes da bibliografia (pp. 115-123), seguem-se, pela ordem que os apresenta, sete estudos.

Frederico Lourenço, “Ulisses e Nausícaa ou o desencontro do amor” (pp. 9-18): sob o signo do amor e da amizade, o helenista escolhe falar do desencontro amoroso entre o senhor de Ítaca e a princesa dos Feaces. O seu estudo centra-se na análise dos “motivos de estranheza” (p. 11) do episódio, a saber: cronologia da acção e localização da ilha (que Lourenço não situa no mapa do Mundo Grego, mas sim na imaginação do poeta); desajuste do nome da princesa em relação à onomástica grega; importância diegética do episódio de “Nausícaa na praia” (p. 13) reside na necessidade de vestir Ulisses; recusa de Ulisses, por vergonha, em ser lavado por uma mulher constitui caso único nos Poemas Homéricos; referência à palmeira e à ilha de Delos também com a sua única ocorrência neste passo.

Marta Várzeas, “Amor e amizade em Sófocles” (pp. 19-29): consciente de que o tema da *philia* é uma constante no universo dramático sofocleano, traduzido no emprego do adjectivo *philos* (que cobre os conceitos de amor e amizade), a autora começa por uma análise breve da “experiência dolorosa do amor” n'As *Traquínias*, para desenvolver, nas leituras que faz do *Ájax* e do *Filoctetes*, o debate sobre as perspectivas multifacetadas que o dramaturgo ateniense apresentou sobre a temática da “amizade”. Assim, quanto à primeira peça, Várzeas destaca o confronto entre, por um lado, o ideal individualista da *timê* do herói homérico e a lealdade que este deve aos aliados e familiares (conflito de interesses encarnado por *Ájax*) e, por outro lado, a contrariação do entendimento tradicional de *philia*, segundo o qual os inimigos eram para ser odiados (atitude assumida por Ulisses). No drama protagonizado por Filoctetes, a aproximação que dele faz Neoptólemo (partindo de uma amizade fingida para desembocar na verdadeira amizade) ilustra, segundo a comentadora, o caminho sinuoso que conduz à *philia*.

Jorge Deserto, “Amor e amizade em Eurípides. Os casos de Pílades e de Electra” (pp. 31-41): porque o que o autor promete com o título da sua contribuição é considerar o universo dramático do mais jovem dos tragediógrafos, torna-se inevitável estabelecer o confronto entre o desenho dos seus Pílades (mais do que Electra) e os Pílades de Ésquilo e Sófocles. Esse diálogo serve, naturalmente, para chegar às principais conclusões deste estudo: a amizade entre Orestes e Pílades exprime-se sob a forma de incentivo decisivo prestado em momentos de hesitação (em três versos apenas cabe a Pílades esse papel nas *Coéforas*; situação que Sófocles inverte na *Electra*, onde compete ao filho órfão de Agamémnon exortar a “sobra sem voz” que é o primo; Eurípides é o mais subversor dos trágicos, pois ora transfere, na sua *Electra*, para a personagem homónima a função que Ésquilo começara por reservar a Pílades ora, num plano absolutamente inverso, atribui, em *Orestes*, ao fiel amigo do protagonista a condução total dos planos de vingança); a Electra euripidiana apresenta uma visão indirecta do amor, perceptível, para Deserto, nos passos em que descreve as qualidades que nos homens fariam deles bons maridos.

Maria Teresa Schiappa de Azevedo, “Amor, amizade e filosofia em Platão” (pp. 43-56): a particularidade dos diálogos platónicos, no que à temática em apreço diz respeito, consiste, como salienta a autora, em denunciar que o amor e a amizade são emoções e sentimentos responsáveis por fomentar a pesquisa filosófica. Com base na análise de passos de diversos textos platónicos, Azevedo conclui que *eros* funciona tanto de alegoria da natureza contraditória do filósofo (pois, tal como aquele significa a dualidade primitiva privação/desejo, também este se encontra dividido entre as dualidades carência/plenitude, ignorância/saber e humano/divino) como de metáfora da própria filosofia (uma vez que, tal como o *eros* carnal leva à gestação de filhos, também a filosofia assegura a continuidade da alma através de “filhos” imortais que gera, “os belos discursos e pensamentos”, *O Banquete* 210d, citado na p. 45). Dentro da mesma linha de raciocínio, os “romances” entre adultos/mestres e jovens/discípulos, presentes amiúde nos diálogos ditos socráticos, reflectem a ligação homoerótica amante/amado e devem ser entendidos como “etapa do crescimento sexual e espiritual do homem grego” (p. 49). Quanto ao “contra amor”, o *anteros* (neologismo platónico), tanto estão atestados os sentidos de “amor recíproco” como o de rivalidade no amor (entre amante e amado pelo acesso ao mundo inteligível e às formas, isto é ao conhecimento). Uma última palavra a confirmar a incompatibilidade da interpretação dos textos platónicos com leituras

monolíticas: na *República* e nas *Leis*, *eros* vem restringido aos sentidos primitivos de “instinto” e “apetite”.

Carlos Ascenso André, “Amor e amizade em Ovídio” (pp. 57-72): partindo de um levantamento do número de ocorrências dos termos *amor* e *amare*, *amicus* e *amica*, o autor retira duas conclusões gerais. A primeira é que a ideologia da *amicitia* predomina na poesia de exílio, sendo evitada na poesia amorosa (pois os amigos, tanto como as amigas, em tal contexto, são os primeiros a trair). A segunda prende-se com a concepção de amor em Ovídio, inseparável do relacionamento sexual, da obtenção do prazer e da dimensão lúdica. Assim, conforme chama a atenção André, compreende-se que, na didáctica ovidiana do amor, os amores lascivos ocupem um lugar preponderante, que o prazer (em que se fundam os relacionamentos extraconjugais) seja partilhado pelos dois amantes (igualdade que no seio do matrimónio era difícil de encontrar) e que o jogo de sedução constitua um puro divertimento.

Delfim Leão, “Amor e amizade no *Satyricon* de Petrónio” (pp. 73-89): numa obra em que estão ausentes, ou são muito pálidas e difíceis de detectar, as manifestações de sentimentos elevados de amor e amizade, como é o caso do romance de Petrónio, o autor sente necessidade de introduzir a matéria que se propõe estudar apresentando o seu reverso dentro do mesmo género literário. É ao universo das personagens d' *O burro de ouro* de Apuleio que vai buscar protagonistas de histórias de amor e dedicação genuínos (Psique, Cárite, Plotina e Ísis). Após este breve introito, Leão reflecte sobre a forma como várias figuras da galeria feminina do *Satyricon* e o trio amoroso constituído pelos anti-heróis da história (Gíton, Ascilto e Encólpio) oferecem retratos desfigurados ou débeis das virtudes do verdadeiro amor e amizade. Fortunata, graças à sua faceta de dona de casa responsável e esposa preocupada em evitar a exposição pública do marido ao ridículo, vem apontada pelo autor como a única “imagem medianamente positiva” (p. 76) do universo das personagens femininas da obra petroniana. Trifena representa o papel da *mulier libidinosa*. A matrona de Éfeso exemplifica a levandade feminina, se bem que a sua história possa ser interpretada como discreta apologia do amor que triunfa sobre a finitude. A belíssima Circe encena o despeito da mulher cujo candidato a amante, por impotência sexual, desilude. Quanto à história do trio homoerótico, esta dá corpo às experiências de amor e amizade pejudadas de traições e caracterizadas pela inconstância de sentimentos.

Manuel Ramos, “Os membros da geração de Avis: amizades, inimizades e falta de exemplaridade” (pp. 91-113): com base nos discursos de Deão de Vergy, na *Crónica de D. Afonso V* e em alguns contributos da moderna historiografia medieval, o autor põe em evidência uma teia de inimizades que atesta a falta de unidade da família de Avis. Antes, porém, enumera as acções e fontes (literárias e artísticas), tanto portuguesas como castelhanas, responsáveis pela promoção de uma imagem de unidade e exemplaridade da chamada *ínclita geração*. A discussão dos argumentos abonatórios da tese da desarmonia grassante no seio da família real centra-se em quatro momentos da sua história. Três deles atestam o mau relacionamento entre D. Pedro e outros familiares (a cunhada D. Leonor, os Braganças e D. Afonso V) e o quarto, esse sim, é ilustrativo de amizade e exemplaridade (a ligação de D. Isabel, duquesa de Borgonha, à família de Portugal e, de um modo especial, aos sobrinhos, filhos de D. Pedro).

Mais do que um reparo, fica a sugestão de, em futuras edições de volumes da colecção *Symbolon*, se adoptar um critério uniforme para a citação dos títulos da bibliografia. Ou se opta por reduzir os nomes próprios às respectivas iniciais (como sucede, por exemplo, na entrada PEREIRA, V. S.) ou por escrevê-los nas formas completas (cf. PEREIRA, Belmiro Fernandes). A presença dos dois modelos não favorece uma publicação praticamente isenta de gralhas.

CARMEN LEAL SOARES

PEREIRA, Belmiro Fernandes, Deserto, Jorge (orgs.) *Symbolon II – Inveja e Emulação*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, 144 pp. ISBN: 978-972-8932-59-6.

Este segundo volume da colecção *Symbolon* aborda a pertinência de novo par de paixões nas obras de mais seis autores clássicos e retoma a referência incontornável que são os Poemas Homéricos. A rubrica introdutória, *In limine* (pp. 5-7), continua a ser da responsabilidade de um dos organizadores do livro, Belmiro Pereira. Seguindo o método utilizado na recensão do número anterior, passo a apresentar uma síntese de cada um dos sete capítulos.

Maria Helena da Rocha Pereira, “Emulação e inveja nos Poemas Homéricos” (pp. 9-17): nos Poemas Homéricos encontra-se o uso de *eris*